

Práticas extensionistas no Laboratório de História: saberes culturais e aprendizagem

Extension activities in the History Laboratory: cultural knowledge and learning

Fernando Augusto Azambuja de Almeida¹
Maria Augusta de Castilho²

¹ Graduado em História, Coordenador Técnico do Laboratório de História e Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: azambujahis@yahoo.com.br

² Professora do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local. Coordenadora do Laboratório de História da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: maugusta@ucdb.br

RESUMO *ABSTRACT*

O Laboratório de História da UCDB (LABHIS), revitalizado em 2007, é um órgão complementar do Curso de História, que tem como fim arregimentar e arquivar documentos constitutivos da memória da História do Brasil, de Mato Grosso do Sul, da região e da localidade. Objetiva-se com o presente artigo mostrar as atividades desenvolvidas no Laboratório de História, possibilitando aquisição de conhecimentos por parte dos acadêmicos. Para tanto, foram utilizados relatórios, informativos, vídeos, fotos e outras atividades de extensão, tais como: oficinas, cursos, participação de eventos, orientações de pesquisas. Essas atividades têm contribuído para a formação completa dos acadêmicos do Curso de História e de outras áreas.

Espera-se que, nos próximos anos, o LABHIS possa aumentar o seu acervo e atividades, contribuindo de forma eficaz e eficiente para o desenvolvimento profissional do educando.

The History Laboratory of the UCDB (LABHIS), reactivated in 2007, is a complementary organ to the History Course, which has as its aim the archiving of documents which constitute the memory of the History of Brazil, of Mato Grosso do Sul, of the region and of the locality. The purpose of the article in hand is to show the activities developed in the History Laboratory, making possible the acquisition of knowledge on the part of the students. For this, the following have been used: reports, informational documents, videos, photos and other extension activities, such as workshops, courses, participation in events and research guidance. These activities have contributed to the wider training of the students of the History Course and of those in other areas. It is hoped that in the near future the LABHIS will be able to increase its collection and activities, contributing effectively and efficiently to the professional development of the students.

PALAVRAS-CHAVE *KEY WORDS*

extensão
História
conhecimento

*extension
History
knowledge*

INTRODUÇÃO

A extensão universitária é, na realidade, uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual está inserida (interna e externa). Funciona como uma via de duas mãos, em que a universidade leva conhecimentos e experiências à comunidade e recebe dela influxos positivos como retroalimentação, tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e também aprendendo com o saber da sociedade.

Dessa forma, devem-se abordar as potencialidades das ações extensionistas nas IES, como um espaço propício ao desenvolvimento endógeno e exógeno da apreensão do saber na comunidade universitária como um todo. O cenário atual da vida cotidiana impõe a todas as instituições de ensino superior o comprometimento com a integração social do Brasil, com o exercício de uma política unificada de extensão, voltada para a cidadania. Por isso, as discussões, debates e reflexões sobre cidadania precisam abordar a diversidade das experiências humanas com respeito e interesse, de modo a fazer com que os alunos percebam que a sociedade hoje é fruto de uma autêntica miscigenação, voltada ao raciocínio crítico, à capacidade de argumentar, tão necessária ao convívio democrático.

A extensão é entendida, como um processo educativo, cultural e científico que viabiliza e propõe ações junto à sociedade e, nessa via de mão dupla, oportuniza um espaço de produção de novos saberes nas várias áreas do conhecimento, enquanto articulada com o ensino e com a pesquisa, numa concepção transformadora e crítica.

Incentivar, estimular, apoiar e promover projetos de extensão, em interface com a pesquisa científica e/ou desenvolvimento tecnológico, tem por finalidade fortalecer a ação transformadora da pesquisa sobre os problemas sociais e ambientais, e estabelecer uma relação dialógica entre pesquisadores e comunidade.

Ocorre, na realidade, que muitos acadêmicos apresentam deficiências de redação, socialização, responsabilidades, e o ambiente do Labhis e a interação com os demais colegas no desenvolvimento das atividades e na troca de conhecimentos têm proporcionado ao educando uma autoestima suplantando de forma gradativa suas deficiências iniciais. O ensino, a pesquisa e a extensão no Labhis sempre caminham juntos.

As atividades de extensão bem planejadas, bem estruturadas e bem executadas permitem à universidade socializar e democratizar os conhecimentos dos diversos cursos e áreas, e também preparar seus profissionais, não somente com a estratégia do ensino-transmissão, mas complementando a formação com a estratégia do ensino-aplicação.

Objetiva-se, portanto, na extensão permitir a efetivação do aprendizado pela aplicação prática. Essa aplicação, evidentemente, é sempre planejada e acompanhada por professores e bolsistas do laboratório, que têm procurado associar teoria versus prática. Tais atividades são imprescindíveis, pois sem a extensão os envolvidos, professores e bolsistas estarão divorciados das comunidades, onde essas atividades estão inseridas, além de estarem alijados de instrumentos e condições capazes de propiciar, aos novos profissionais, uma formação integral consolidada.

MATERIAL E METODOLOGIA

Para fortalecer as iniciativas de extensão no Laboratório de História são desenvolvidos os seguintes objetivos:

- Analisar e debater questões relativas à Extensão, ao Ensino e à Pesquisa por meio de estratégias e ações que sejam de interesse de professores e alunos envolvidos no Curso de História principalmente;
- Estabelecer interlocução com órgãos governamentais, com instituições da sociedade civil e com organismos de representação universitária;
- Articular e estimular o desenvolvimento de projetos conjuntos e redes de trabalho entre outras instituições;
- Divulgar, no âmbito interno e externo, as atividades de extensão desenvolvidas no laboratório;
- Propiciar um espaço apropriado e permanente de reflexão, avaliação e acompanhamento das práticas de extensão desenvolvidas pela UCDB.

Nesse contexto, Érnica *et al.* (2007) assinalam que a extensão pode ainda ser desenvolvida no âmbito universitário por meio de ações que contemplem a aquisição de conhecimentos e experiências concretas, vivenciadas no cotidiano da vida acadêmica.

Nessa vertente destacam-se:

Programa: que é um conjunto de ações de extensão correlacionadas e inter-relacionadas de caráter institucional, com clareza de diretrizes e orientadas a um objetivo comum. Os programas se constituem em um conjunto de ações extensionistas, de natureza educativa, artística, cultural, científica ou técnica. Deverão contemplar a interdisciplinaridade, o princípio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão e contribuir para o desenvolvimento da ciência e bem-estar social. O programa deverá agregar no mínimo três ações sob forma de projetos, cursos ou eventos.

Projeto: é um plano sistematizado de ação de natureza restrita quanto à duração e aos recursos. Poderão estar vinculados a programas ou a projetos isolados.

Curso de Extensão: caracteriza-se como atividade de ensino extracurricular que, propondo-se a transmitir os conhecimentos produzidos na universidade, ou fora dela, venha a contribuir para uma melhor articulação entre o saber acadêmico e as práticas sociais, favorecendo, em consequência, possíveis inovações no ensino e na pesquisa. Os cursos de extensão poderão ser em três modalidades: curso de divulgação, curso de capacitação e curso de qualificação.

Oficina: as oficinas podem contemplar livros, textos, trabalhos manuais, maquetes, mapas etc. O projeto oficina do livro, por exemplo, tem o propósito de colaborar com uma relação de produção de conhecimento entre os alunos e a literatura, dando oportunidade a experiências ricas em termos educativos, mas também criativas e, por vezes, inesquecíveis. Os temas da oficina do livro não estão relacionados a uma disciplina escolar nem a um conteúdo específico. São temas mais abrangentes, relacionados com conceitos importantes e que podem e devem ser discutidos em diferentes momentos da vida escolar.

Cinemateca: a cinemateca promove a exibição de mostras de filmes temáticos, com debates, palestras e seminários, além de realizar mostras e eventos em parceria com outras instituições públicas e privadas.

Incubadora: esta atividade procura demonstrar o papel inovador que vem sendo desempenhado por este tipo de atividade de extensão na articulação do saber produzido na universidade. A forma de sua

transferência deve oferecer, principalmente, às comunidades populares uma maneira para sua organização produtiva autônoma.

Evento: corresponde a acontecimento de curta duração, para o enriquecimento de grupos de interesse nos vários campos do conhecimento. São ações que implicam apresentação pública. Palestra, seminários, exposições, congressos, campanhas de difusão cultural, campeonatos, ciclo de estudos, colóquios, concertos, conferências, feiras, teatro, recital, semana de estudos, shows, workshops, dança etc. São priorizados eventos abertos à comunidade externa e com as características de integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, bem como a interdisciplinaridade. Além dos citados anteriormente, outras atividades também podem ser inseridas nesse contexto.

A relação constituída com os grupos no desenvolvimento das atividades é baseada na concepção de educação popular de Paulo Freire (2004), marcada pelo diálogo entre o saber da comunidade e o saber acadêmico. A indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão é outro pressuposto importante. A formação e a produção de pesquisas são práticas que fazem parte da intervenção realizada pela instituição.

Segundo Freire (2004, p. 38), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Assim, uma simples ação pode despertar nos indivíduos o sentimento de pertença e valorizar as relações de confiança entre os membros do grupo de forma que o próprio grupo eduque a si mesmo.

Geertz (1989) assinala que a interpretação se dá em todos os momentos do estudo, da leitura do texto ou obra, cheio de significados que é a sociedade, à escritura do texto/ensaio do antropólogo, interpretado por sua vez por aqueles que não passaram pelas experiências do autor do texto escrito ou obra. Todos os elementos da cultura analisada devem ser entendidos, portanto, à luz desta interpretação, imanente à realidade cultural. Tal exercício de interpretação é um dos pontos destacados no cotidiano do referido laboratório.

Vale assinalar que o espaço físico do Labhis conta ainda com uma pinacoteca de doze obras da artista plástica Nelli Guimarães Silva doadas pela UCDB, a qual retrata o cotidiano dos indígenas terena. Essa pinacoteca também é fonte de estudo por parte dos alunos de história e

cursos voltados para a área indígena e artes, estudando e interpretando tais obras.

O LABHIS conta ainda, com livros didáticos, mapas históricos, fotografias, processos trabalhistas (TRT), jornais, filmes e outros. A metodologia utilizada para o ensino-aprendizagem dos acadêmicos que frequentam esse laboratório baseia-se, principalmente, na análise e interpretação de documentos, bem como “a consulta bibliográfica que servirá de base para a aquisição e produção do conhecimento no âmbito universitário” (FAVARÃO, 2004, p. 43).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É de responsabilidade dos professores fazer com que o aluno seja sujeito de sua própria aprendizagem, uma vez que este deve estar ciente do que irá realizar. Os estudos podem oferecer alternativas de pesquisas, dando-lhe ferramentas para aprender a planejar, a trabalhar com hipóteses e a encontrar soluções de problemas que possam surgir em seu dia a dia. Nessa perspectiva, para que o aluno adquira essas habilidades, faz-se necessário trabalhar com práticas pedagógicas voltadas para sua formação, para o exercício da cidadania plena, respeitando a individualidade de cada um, utilizando-se de conteúdos interdisciplinares e contextualizados (FAZENDA, 1994).

As atividades de extensão no laboratório têm procurado preencher essas lacunas, por meio de cursos, oficinas, teatro, organização de eventos, visitas pedagógicas, realização de palestras e colóquios, participação em eventos, orientações de TCC, realização de convênios com órgãos públicos e privados, formação de grupos de estudos.

Dentre tais atividades destacam-se:

a) Cursos de extensão oferecidos

O laboratório de História oferece opções de iniciação (extensão livre), atualização, qualificação, aperfeiçoamento profissional e outras, com a participação de alunos, professores e membros da comunidade interna e externa. Segundo Keller (1995), a apreensão do conhecimento, muitas vezes, é fruto de experiência adquirida fora da sala de aula. Assim, os cursos de extensão propiciam um conhecimento diversificado e baseado na interação entre o grupo que está apreendendo novas formas de aprendizagem. O

curso é um conjunto articulado de ações pedagógicas, de caráter teórico ou prático, planejadas e organizadas de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e processo de avaliação prática.

b) Teatro

Trata-se de expor algumas considerações a respeito de uma prática pedagógica envolvendo o trabalho com o teatro na busca teórica por recursos educativos, intencionais, didáticos, que viabilizem um trabalho com os conteúdos educacionais e maiores resultados sociais. Tal preocupação tem relevo ao se conviver, hoje, com uma sociedade educativa que prioriza a especialização, a fragmentação e que se revela praticamente alheia à reflexão crítica sobre o comportamento humano e suas implicações no processo das transformações sociais. As apresentações teatrais têm marcado o início de um processo de leituras de textos históricos (colônia e império) de textos clássicos, no qual, a historiografia desponta como possibilidade de completude do homem ao analisar o passado em suas reflexões no presente.

c) Visitas técnicas

A formação profissional contempla diversos aspectos, como o ensino, propriamente dito, leituras, atividades práticas, pesquisa e extensão e, principalmente para os cursos de graduação, o estudo de viabilidade visitas *in loco* que são imprescindíveis para a boa formação profissional. O aluno (História, Direito, Geografia, Pedagogia e outros) tem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e confrontá-los com a realidade encontrada nos locais visitados através de visitas técnicas ou viagens de estudo, que consiste na realização de visitas e/ou viagens para diferentes destinos. São atividades que envolvem alunos e docentes, que encontram nos locais visitados campo fértil para a prática das disciplinas do curso, dando vida aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Acompanhados de seus professores, os discentes exploraram aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais do destino, fazendo uma análise da situação da atividade histórica na territorialidade local.

d) Convênio

Em 2008, realizou-se um convênio de cooperação técnica entre o Curso de História, via Labhis, com o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) – 24^a Região - MS (Processos de 1962 a 1984), com o comprome-

timento de análise dos processos trabalhistas, com orientação dos acadêmicos bolsistas extensionistas, coordenadores técnicos e outros professores da instituição.

Infere-se que é fundamental a preservação desses documentos do TRT salvando do desaparecimento um legado considerável de processos que poderão fazer parte da historiografia sul-mato-grossense contribuindo, assim, para a criação de uma consciência de preservação. Por outro lado, abre-se um leque de possibilidades de estudos nas diversas áreas do conhecimento (história, direito, sociedade, gênero, cultura etc.). As alternativas de desenvolvimento local no contexto de territorialidades do Estado de Mato Grosso do Sul podem estimular os acadêmicos dos cursos de graduação da UCDB e de outras IES a desenvolverem trabalhos, pesquisando esses processos trabalhistas.

e) Aldeia Indígena Buriti

Nesta aldeia é desenvolvido um projeto, com ações voltadas para oficinas, cursos, capacitações para professores e também atividades com os alunos da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, que funciona na Aldeia Buriti, localizada no município Dois Irmãos do Buriti, MT¹.

Consta que, a partir de 2007, o laboratório passou a ter vida própria, com uma educação diversificada, promovendo a troca de experiências entre os acadêmicos, oferecendo um lugar de estudos, pesquisas e de organização de eventos e outras atividades importantes para a formação completa do aluno da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão é aqui entendida como prática acadêmica que interliga a universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população, possibilitando a formação do profissional cidadão. Percebe-se, portanto, que tais atividades a credenciam, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades

¹ O coordenador do projeto é o Coordenador Técnico do Laboratório de História, professor Fernando Augusto Azambuja de Almeida, com a colaboração dos bolsistas extensionistas do mesmo laboratório.

sociais existentes. É importante consolidar a prática da extensão, possibilitando a constante busca do equilíbrio entre as demandas socialmente exigidas e as inovações que surgem do trabalho acadêmico.

Reafirmar a extensão universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade é indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, o que implica relações multi, inter ou transdisciplinares e interprofissionais.

O espaço do Labhis fortaleceu a participação efetiva de docentes e de discentes nas atividades extensionistas. Os relatos das práticas propiciaram o conhecimento dos objetivos, metodologia, população-alvo, articulação com o ensino e a pesquisa e, principalmente, explicitaram diferentes concepções de extensão universitária.

Em outro aporte, as discussões foram de fundamental importância para retratar o que estava acontecendo com a extensão no laboratório, cujas atividades estão sendo divulgadas por meio de livretes, banners, cartazes e por meio de um boletim, com seu primeiro número publicado em 2011. Tal documento lista os projetos de extensão e particularizam os programas a partir dos objetivos, atividades, metodologia, população-alvo e coordenação. Nesse levantamento, ficou evidenciada a diversidade das concepções de extensão que orientavam os projetos e ações.

O envolvimento de docentes e discentes do laboratório com a extensão, independentemente de sua orientação, e a vontade política de repensar a instituição enquanto universidade expressam uma busca constante da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão,

A expectativa era a de que as contribuições das lideranças acadêmicas assegurassem o aperfeiçoamento da proposta, culminando com a sistematização de uma política de extensão que contemplasse as experiências desenvolvidas e definisse a extensão como prática acadêmica no Labhis.

O local passou a ser um espaço de discussão mais amplo, onde os acadêmicos de história têm discutido mais coletivamente sobre as questões concernentes à qualidade de ensino do curso na instituição.

REFERÊNCIAS

ÉRNICA, Maurício *et al.* *Cidadania e participação social no Brasil*. Argentina: EducaRede, 2007.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridades: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994.

FAVARÃO, Neide Rodrigues Lago; ARAÚJO, Cíntia de Souza Alferes. Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior. *EDUCERE*, Umuarama, v. 4, n. 2, p. 103-115, jul./dez. 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Coleção Leitura).

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

KELLER, Vicente; BASTOS, Cleverson. *Aprendendo a aprender*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.